

ANNA VERONICA MAUTNER

FRAGMENTOS DE UMA VIDA

Concepção, organização e
apresentação: REGINA FAVRE



FRAGMENTOS DE UMA VIDA

Copyright © 2018 by Anna Veronica Mautner

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Neris**

Concepção, organização e apresentação: **Regina Favre**

Fotografias: **Henk Nieman**

Projeto gráfico, capa e editoração: **Gabriela Favre**

Foto da capa: **Ligia Jardim**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7o andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3873-7476

<http://www.editoraagora.com.br>

e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873 -8638

Fax: (11) 3872-7476

e -mail: vendas@summus.com.br


Impresso no Brasil

*“Acho que a mulher que falava no
cabeleireiro (dos meus pais) não
estava nem pensando no cabeleireiro
(cabeleiro, como diziam eles), e nem
em suas ajudantes. Falava para si mesma
como eu o estou fazendo agora, aqui.”*


(Anna, na primeira versão do texto “ Antes que
a vida das pessoas fosse caso clínico”)

SUMÁRIO

- Anna, por Regina Favre **12**
- Por que crônica **20**
- Eu por mim **21**
- O dilema da primeira pessoa **36**
- De lá até aqui **39**
- Antes que a vida das pessoas fosse caso clínico **43**
- Devorando o Brasil **76**
- Hora de parar **84**
- Réquiem para os meus mortos **85**
- A minha voz **89**
- Alameda Nothmann **91**
- PrimaVera **95**
- Angústia **100**

- 
- O Rio **121**
- A pensão de dona Cecília **125**
- O Clube da Lanterna, as repartições e os bares **141**
- A avenida Atlântica e o quarto das meninas **149**
- E o Sputnik subiu para o céu **159**
- E o latente se explicitou **168**
- Vamos começar pelo encontro **172**
- Ler é viver uma falta **181**
- Pelo divã da dona Virgínia **194**
- Psicanálise húngara: um caso de transferência **197**
- Lenta jornada até Lacan **212**
- Hoje quero viajar comigo **218**
- Minhas raízes judias: das razões do orgulho e do zelo **227**

Anna

 Anna que conheço precisamente desde 1970 sempre soube se colocar, atrair, incluir, receber, valorizar, criar gamas de pertencimento, fazer de sua casa o paraíso desejado na Terra onde se ativavam em cascata experiências de identificar-se, excluir-se, usufruir da aceitação sem limites, murchar no desconhecimento, disputar espaço, sentir-se subitamente valorizado, visto, admirado, cúmplice, incluído, expulso. Talvez essa intensa imantação das pessoas em torno da Anna, ao longo dessas muitas décadas da vida brasileira, tenha passado sempre exatamente pelo perigo latente deste jogo radical que sua presença propõe: de atração e repulsão, assimilação e estrangeiridade.

No ano passado, ao me reaproximar do mundo da Anna pela milésima vez, pude observar, sem me assustar com o intempestivo que a Anna produz, a estabilidade absoluta da casa da Anna, a rotina da Anna, os gostos da Anna, captando de perto o ambiente inteiramente privado onde ela mergulha como o relembrado hipopótamo do zoológico de Budapeste para ler, escrever, falar ao telefone, assistir à TV, totalmente confortável e identificada com a intimidade dessa casa de porta permanentemente destrancada dentro do grande mundo.

Nessa última reentrada pela porta da Anna, não importa que porta nem que casa fossem – uma vez que todas as casas da Anna sempre refletiram essa familiaridade desde o primeiro dia da mudança, como se desde sempre tivessem abrigado sua vida –, tive

tranquilidade para realmente apreciar, como ainda não fizera, os textos que ela produz em sua rotina. A disponibilidade para a Anna-difícil, já bem abrandada, permitiu-me testemunhar a Anna-envelhecendo distante da mundanidade e me aproximar com cautela do pântano do esquecimento e do desmanchamento nesse corpo-Anna intensamente vivido e ferozmente gasto no ímpeto da experiência, sempre pronto para se reacender diante de um novo interesse.

Desejei, então, organizar com ela um livro com esses textos preciosos, num trabalho de prolongar, oferecendo à degustação das pessoas, o brilho da Anna-luz. E desejei, logo em seguida, extrair alguma coisa para mim, produzindo uma entrevista com ela, dentro do dispositivo de pesquisa da presença no meu espaço de trabalho. A entrevista e seus desdobramentos funcionariam como Apresentação para este livro.

A pergunta-chave era: “O que fez de você a mulher moderna que é?”

Na verdade, tratava-se de uma pergunta para mim mesma: o que me fez, no ano de 1970, aos 28 anos, brasileira tornada estrangeira, migrar para um mundo onde então havia vitalidade e colar, com todas as minhas forças, certa, instantânea e sem dó como sempre fui, com meu modo darwinista de adaptação nessa mulher-Anna, vizinha das Perdizes que encontrei num grupo terapêutico do Gaiarsa justo quando a configuração do meu mundo de classe média se dissolvia vertiginosamente e por completo, numa experiência que aprendi a denominar, décadas mais tarde, desterritorialização? Foi a partir desse desmanche radical que reconheci o começo da construção da mulher-moderna-em-mim.



Depois de examinar seus álbuns de fotografia, optei por fotos da Hungria antes da Segunda Guerra, quando ela nasceu. Naquelas fotos, vivem encantados seus pais, seus amigos, todos de corpo e hábitos livres, na serenidade dos lagos e das montanhas da Europa



central. Esses jovens adultos judeus, agnósticos, socialistas das fotos da Hungria eram fruto dos movimentos juvenis que se instauraram nas metrópoles europeias entre as duas guerras, produzindo a modernidade dos corpos e das relações que reconhecemos nos

modos de vida que se seguiram na contramão do capitalismo do pós-guerra, inspirando o desejo e os usos de si que prosseguiram nos movimentos socialistas juvenis já no Brasil dos anos 1950, na contracultura da década de 1960, nas forças que explodiram em 68, no desejo que nutriu os movimentos reichianos dos anos 70. Essas mesmas forças continuam hoje, à revelia da captura neoliberal dos corpos, pulsando no espírito que sustenta forças do comum na resistência ao capitalismo mundial.

Realizamos, então, num sábado de manhã, com a colaboração da Ligia Jardim na videogravação e da Liliane Oraggio na transcrição simultânea, um material bruto que eu pretendia editar aqui.

Fotos do acervo pessoal dos meus alunos, em certo momento do processo de estudo no Laboratório do Processo Formativo, impressas em acetato e projetadas pelo *datashow* no telão da sala de grupo, são parte da estratégia para essa captação audiovisual da interação com os corpos em presença nos meus seminários teórico-práticos sobre a produção de vidas, corpos e mundos com as forças da autopoiese.

Era o que eu desejava.

Atirei no que vi e acertei no que não vi.

Na situação-gravação com a Anna, seu desinteresse e sua reação negativa diante do convite de imaginar comigo as fotos desse passado remoto projetadas pela luz incandescente de um retro-projetor *démodé*, somados à minha decepção inicial e à decisão de arriscar um fracasso, resultaram na exigência da fina busca de um retrato que eu mesma tive de empreender em seu acervo de textos, aproximando escritos de diferentes tamanhos e tempos, compondo um mosaico em que o enigma da mulher moderna

foi se revelando com toda a radicalidade na sua violência, dor, espanto, humor, contemplação, ternura, crueldade, gratidão, amizade, risco, memória.


Aqui estão os textos escolhidos, que foram ditados para diferentes secretárias, e não teclados por ela mesma, resultado de um esforço oral e corporal de revelação de si por meio do detalhe sensível, em escalas de proximidade pessoal absoluta e distanciamento crítico, sociológico, histórico e psicanalítico que se misturam sem cerimônia nem adiantamentos.

No agora ou nunca da narrativa-acontecimento.

Mergulhemos.

Regina Favre, janeiro de 2018

Por que crônica

 Esta como uma obra menor por quase todo mundo, especialmente quando impressa na mídia diária ou semanal, aqui vou eu defendendo a crônica como eventualmente bela, mas sempre importante.

O cronista é o cara que, além de saber escrever, optou por comentar o que observa e percebe.

O cronista não estuda obrigatoriamente o seu tema de hoje; pode até aprofundar-se em pesquisas, mas não é parte de sua arte. É parte de sua vida, na qual ele, como qualquer um, pode ser livre e desimpedido para ver e sentir.

O cronista percebe e relata, buscando aproximar o seu leitor o máximo possível do que aconteceu. O engenho e a arte do cronista dependem de sua capacidade de atrair, evocar no outro aquilo que viveu. A crônica tolera umas poucas referências analíticas ou científicas. Só poucas. A linguagem sintética tende a ensinar e a explicar. A forma da crônica almeja evocar, trazer à tona em cada leitor o que de comum comungam os possíveis e prováveis leitores.

Na sociedade de massas, poucos são os momentos de comunhão, diferentemente do que ocorre entre membros de uma família, num grupo de trabalho, de vizinhança, nos quais o percebido e o vivido são comentados oralmente, constituindo o amálgama dos grupos da sociedade ampla. É por intermédio da mídia que tem lugar esse fenômeno de identificação, que vai resultar na sensação de pertinência.

É aí que a crônica tem seu meio de campo, onde é jogado o tema identificatório.

É pela crônica que se comunicam mesmo os que não se conhecem face a face. Quanto mais distantes estamos uns dos outros, na sociedade de massas, maior é o espaço para a crônica.

Uma crônica bem colocada na mídia transmite a sensação de não estar só.

Eu por mim

Eu diria que a minha relação com a psicanálise vem de desde sempre, passada de mãe para filha. Passou mais de 50 anos acobertada por um jogo de gato e rato que acompanha minhas relações com quase tudo que sinto desejável, mas que é difícil de conseguir. Tenho a impressão de que meu primeiro mecanismo de defesa – pelo menos assim me parece – sempre foi o de evitar a dor, mas não de qualquer jeito.

O meu jeito de evitar a dor é “limitar o desejo”. Sempre procurei desejar dentro do escopo que me parecia o possível. Hoje, *a posteriori*, posso dizer que quase sempre desejei muito menos do que era possível. Isso fazia parte de defesas que criei para me proteger de mim mesma e dos sonhos de dona Rosa, minha mãe. Ela sempre dizia que eu seria capaz de fazer tudo, desde que quisesse. Preferi ficar com uma parte só dessa mensagem: a de que bastava querer. Não querendo, podia me dar ao luxo de fazer com menos desconforto. Desde que entrei na faculdade, em 1955, comecei a formular uma vaga noção de que existia, entre as várias formas de tratamento da dor psíquica, uma que era “mais” que as outras: a psicanálise. Assim, ela ficava além da minha realização possível. E por isso, durante muitas décadas, deixei-a na fronteira do meu universo. Mas a minha relação com a psicanálise vem de muito antes. Vem do tempo da mi-